

Plantas medicinais na comunidade quilombola de massaranduba no município de irará-ba: ouvindo memórias dos mais velhos para descolonizar o ensino de biologia

Plantas medicinales en la comunidad quilombola de massaranduba del municipio de irará-ba: escuchando las memorias de los ancianos para descolonizar la enseñanza de la biología

Medicinal plants in the quilombola community of massaranduba in the municipality of irará-ba: listening to the memories of the older to decolonize the teaching of biology

Neuride de Souza¹

Marco Antonio Leandro Barzano²

Resumo

O relato de pesquisa apresentado neste texto é baseado em uma investigação realizada por uma professora de Biologia que, para ensinar sobre o conteúdo “plantas medicinais”, ouviu velhos da comunidade quilombola em que ela mora para que, a partir dos dados obtidos, pudesse ensinar sobre o conteúdo nas aulas de Biologia. A pesquisa de cunho qualitativo ocorreu na comunidade quilombola de Massaranduba, município de Irará, Bahia, Brasil. Os resultados apontam que a utilização das plantas medicinais é uma prática dos antepassados, destacando a grande influência das mães das mulheres. Conclui-se que as plantas medicinais utilizadas pela comunidade quilombola de Massaranduba e suas indicações terapêuticas revelam um rico conhecimento etnobotânico que tem origem ancestral, cujos saberes perpassam ao longo de sucessivas gerações e se mantém na comunidade e isto reforça da necessidade de contribuirmos para a difusão do conhecimento de sujeitos quilombolas e sua ancestralidade.

Palavras-chaves: plantas medicinais; comunidade quilombola; narrativa oral.

Resumen

El informe de investigación que se presenta en este texto se basa en una investigación realizada por una profesora de Biología quien, para enseñar sobre el contenido “plantas medicinales”, escuchó a los ancianos de la comunidad quilombola donde vive para que, a partir de los datos obtenidos, pudiera enseñar sobre el contenido en las clases de

¹ Secretaria Municipal de Irará – Escola Municipal São Jorge

² Universidade Estadual de Feira de Santana



Biología. La investigación cualitativa se llevó a cabo en la comunidad quilombola de Massaranduba, municipio de Irará, Bahía, Brasil. Los resultados indican que el uso de plantas medicinales es una práctica de los ancestros, destacando la gran influencia de las mujeres madres. Se concluye que las plantas medicinales utilizadas por la comunidad quilombola de Massaranduba y sus indicaciones terapéuticas revelan un rico conocimiento etnobotánico que tiene un origen ancestral, cuyo conocimiento permea a lo largo de sucesivas generaciones y permanece en la comunidad y esto refuerza la necesidad de contribuir a la difusión conocimiento de los sujetos quilombolas y su ascendencia.

Palabras clave: plantas medicinales; comunidad quilombola; narrativa oral.

Abstract

The research report presented in this text is based on an investigation carried out by a Biology teacher who, in order to teach about the content "medicinal plants", listened to elders from the quilombola community where she lives so that, from the data obtained, she could teach about the content in Biology classes. The qualitative research took place in the quilombola community of Massaranduba, municipality of Irará, Bahia, Brazil. The results indicate that the use of medicinal plants is a practice of the ancestors, highlighting the great influence of women's mothers. It is concluded that the medicinal plants used by the quilombola community of Massaranduba and their therapeutic indications reveal a rich ethnobotanical knowledge that has an ancestral origin, whose knowledge permeates over successive generations and remains in the community and this reinforces the need to contribute to the dissemination knowledge of quilombola subjects and their ancestry.

Keywords: medicinal plants; quilombola community; oral narrative.

Primeiras considerações

Segundo Paulo Freire (1994, p. 134):

Não importa em que sociedade estejamos, em que mundo nos encontremos, não é possível formar engenheiros ou pedreiros, físicos ou enfermeiras, dentistas ou torneiros, educadores ou mecânicos, agricultores ou filósofos, pecuaristas ou biólogos sem uma compreensão de nós mesmos enquanto seres históricos, políticos, sociais e culturais; sem uma compreensão de como a sociedade funciona. E isto o treinamento supostamente apenas técnico não dá.

Concordando com esta ideia freireana, apresenta e defende no presente texto que os saberes tradicionais, em especial, das comunidades quilombolas, são importantes para



serem ensinados nas aulas de Biologia e, por isso, que uma das maneiras que isto possa acontecer é que professores de Biologia utilizem a escuta de velhos das comunidades para ensinarem conteúdos biológicos, seja levando os estudantes às comunidades ou trazendo os velhos para narrarem nas salas de aula.

O relato de pesquisa que apresentado neste texto é baseado em uma investigação realizada por uma professora de Biologia que, para ensinar sobre o conteúdo “plantas medicinais”, ouviu velhos da comunidade quilombola em que ela mora para que, a partir dos dados obtidos, pudesse ensinar sobre o conteúdo nas aulas de Biologia, além de contribuir para que outras professoras e professores também fizessem o mesmo e, desse modo, pudessem descolonizar os saberes (GOMES, 2012), além de potencializarem os conhecimentos tradicionais, tão importante para a luta contra o epistemicídio (SANTOS, 2001).

As plantas medicinais têm sua utilização pautada na antiguidade, por meio de conhecimentos que diversas culturas adquiriram ao longo do tempo para o tratamento de várias doenças. As comunidades tradicionais têm intrínseca relação com a biodiversidade, por conta de seu modo de vida, possuindo um valioso acervo de conhecimentos de como usar e conservar essa biodiversidade.

O Brasil é um país em que tem uma biodiversidade muito rica de espécies da fauna e flora desde muito antes da colonização, com a utilização por nossos ancestrais e, desse modo, apesar de ser um conhecimento bastante difundido, as comunidades tradicionais têm um maior conhecimento sobre as plantas medicinais, que vem sendo aprimorado pela cultura e conhecimento popular até os dias atuais.

Os conhecimentos tradicionais guardam uma vasta relação com a natureza, relação esta harmoniosa, que permitiu que diversos recursos naturais fossem preservados até os dias atuais. As comunidades quilombolas possuem um vasto conhecimento em suas memórias e vão passando de geração em geração por meio da oralidade.

Contexto do estudo

As plantas medicinais são utilizadas na forma de chá, banhos e, além disso, há práticas de rezadeiras e benzedadeiras, que utilizam as plantas encontradas em seus quintais para a cura de enfermidades, algo que estamos considerando aqui como conhecimento a partir de uma memória biocultural (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Segundo Melo (2019, p. 29) “a memória biocultural, portanto, está relacionada ao acúmulo histórico de conhecimentos adquiridos pelos seres humanos na relação com a natureza”.



As comunidades quilombolas são grupos constituídos da população negra que se definem por meio de relações estabelecidas com seu território, suas tradições e cultura, carregando consigo uma grande riqueza cultural de suma importância, além da existência e preservação das culturas do povo quilombola, que são fundamentais para a preservação da cultura brasileira, pois representa a história de luta dos negros no Brasil e o quanto a nossa cultura é influenciada pela cultura africana.

O ambiente das comunidades quilombolas está muito ligado com sua cultura, e é nesse território onde as relações se mantêm e são passadas de geração em geração.

A partir da proposta de Barzano (2016) acerca do currículo das margens, considera-se importante aquilo que também é apresentado por Barzano e Melo (2019, p. 198) que afirmam:

ao realizarmos pesquisas em territórios quilombolas contemporâneos é, antes de tudo, ter a possibilidade de entrar em contato com energias ancestrais. Uma ancestralidade revelada na elaboração de saberes que se organizam nas diversas formas de vida e de resistência dessas comunidades, expressas na sua relação com os elementos da natureza, com a terra como um ente gerador de força vital e os frutos dessa relação não só com a terra, mas também com a água, com a mata, isto é, com os seus territórios e a sua biodiversidade.

A seguir, a metodologia é apresentada e trata-se daquela que utilizamos para ouvir os velhos da comunidade quilombola de Massaranduba para que pudessem ensinar sobre plantas medicinais com potencial de uma perspectiva decolonial.

Metodologia: área de estudo e procedimentos metodológicos

A comunidade quilombola de Massaranduba está localizada no território portal do sertão baiano, em uma área de transição entre caatinga e mata atlântica. Possui cerca de 70 famílias, que desenvolvem atividades de agropecuária como animais de pequeno porte aves, suíno, ovinos e caprinos. Na agricultura, as culturas mais cultivadas são milho, feijão, amendoim, e a principal fonte de subsistência da comunidade é a mandioca.

Esta comunidade guarda também muitos conhecimentos que foram construídos ao longo dos anos sobre a utilização das plantas medicinais e as finalidades que as mesmas possuem, conhecimentos como estes são fundamentais para a caracterização da comunidade enquanto território quilombola.



A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada utilizando-se entrevistas semiestruturadas com doze sujeitos da comunidade, sendo 8 mulheres e 4 homens, que nasceram na comunidade ou residem no território há mais de 50 anos.

Resultados e discussões

Do levantamento das plantas mais utilizadas pelos quilombolas de Massaranduba e suas respectivas indicações terapêuticas, as mais citadas foram: hortelã, arruda, boldo, aroeira, mastruz, sabugueiro e benzetacil.

Todos os participantes da pesquisa relataram que começaram a usar as plantas medicinais desde criança, sendo que um deles destacou que começou a usar ainda bebê, pois sua mãe lhe dava chá de erva doce para tratar de cólicas abdominais.

Com relação ao uso medicinal das plantas, os quilombolas atribuíram a influência para adoção dessa prática aos antepassados, destacando a grande influência das mães (83%) e avós (17%). Consideramos a importância das mulheres na transmissão dos saberes sobre as plantas medicinais entre as gerações e o seu papel para exercerem o cuidado da saúde da família a partir das práticas terapêuticas.

As memórias relatadas por uma informante revelaram que os chás, além de serem usados como prática terapêutica, eram usados também como refeição matinal quando não havia alimento. Outra recordação foi que ao longo do tempo, a comunidade percebeu a diminuição da abundância de algumas espécies vegetais e, desse modo, eles realizam o cultivo de várias plantas em seus quintais para assegurarem a disponibilidade quando houver a necessidade do tratamento medicinal com o vegetal.

Percebe-se a relação entre a natureza e a comunidade quilombola, o quanto a perda da biodiversidade afeta a manutenção da cultura e a saúde do seu grupo étnico. Nesse sentido, é importante afirmar que o cultivo dos vegetais realizados pela comunidade tem grande relevância para a manutenção da biodiversidade local.

A parte do vegetal mais utilizada para fins medicinais está associada também à tradição cultural da comunidade, e a folha é a que mais se destaca com a ocorrência de 75%, seguida do caule com 14% e com menos frequência no uso medicinal se encontra a raiz com 4%, fruto 4%, flor 3% e para a semente, pecíolo e planta inteira, a frequência no uso é de 2%.

As falas a seguir revelam o conhecimento tradicional e a importância da biodiversidade existente na região para a comunidade quilombola de Massaranduba, sendo que o cultivo das plantas medicinais em seus quintais, é uma forma de conservação das espécies e da



sociobiodiversidade, assegurando a autonomia dos quilombolas e o tratamento de enfermidades de seu grupo étnico.

Quando meus filhos sentem qualquer dor, ensino um chá ou um banho para tomar, se aqui não tiver a planta na casa do vizinho ou no mato tem (Informante³ Q8).

A maioria nasce no mato e aqui planto em todos os lugares, sempre lavo antes de usar, é sempre bom ter cuidado na quantidade de usar (Informante Q12).

Outras orientações citadas pelos quilombolas de Massaranduba foram: usar plantas frescas (tirar na hora de usar), lavar bem antes de usar e ter cuidado na quantidade usada. Os participantes da pesquisa relataram que as plantas usadas para rezar não requerem a lavagem, pois o único cuidado é colher antes do pôr do sol. As rezas consistem em um ritual de oração em que se utiliza espécies vegetais para tratamento de problemas espirituais (OLIVEIRA; TROVÃO, 2008).

A planta medicinal mais usada na alimentação da comunidade quilombola de Massaranduba é a hortelã, aparecendo em 39% das respostas das entrevistas e a segunda planta mais citada foi a couve com 19%, seguida do quióiô com 10%. Em menores frequências foram citadas a alface, alfavaca, alho, manjeriço, trançagem, orégano e folha de louro, totalizando 32%.

A forma mais comum para a transmissão do conhecimento sobre as plantas medicinais entre os membros da comunidade quilombola de Massaranduba se dá a partir do ensinamento aos filhos. Dos sujeitos da pesquisa, 55% dos quilombolas responderam que sempre ensinam seus filhos a fazerem chá de alguma planta quando estão doentes, sempre relatando a eficácia baseada na experiência própria e de seus antepassados.

A forma de transmissão do conhecimento sobre as plantas medicinais pelos quilombolas de Massaranduba é predominantemente oral, a partir do convívio diário e do compartilhamento das experiências das práticas terapêuticas ensinadas pelos os mais velhos.

Considerações Finais

O artigo buscou apresentar o recorte de uma pesquisa que tem a centralidade na tríade temática: "ensino de biologia, educação ambiental e decolonialidade", temas que

³ Neste texto, os informantes são identificados pela letra Q e seguidos por uma ordem numérica, por exemplo: Q1, Q2, Q3...



consideramos necessários para ampliar o debate, sobretudo no que se refere ao ensino de Biologia e a descolonização dos saberes.

Os dados parciais de uma pesquisa realizada em uma comunidade quilombola são apresentados, focando nas plantas medicinais e seus saberes ancestrais, buscando mostrar a importância de se ouvir os conhecimentos tradicionais e, desse modo, apresenta potencialidades para se pensar o diálogo necessário entre a comunidade e o ensino de Biologia, sobretudo no que se refere à necessidade de que as aulas de Biologia sejam menos técnicas e estejam mais voltadas para uma prática pedagógica que valorize a escuta dos mais velhos nas comunidades e, desse modo, descolonizando os saberes.

Conclui-se que as plantas medicinais utilizadas pela comunidade quilombola de Massaranduba e suas indicações terapêuticas revelam um rico conhecimento etnobotânico que tem origem ancestral, cujos saberes perpassam ao longo de sucessivas gerações e se mantêm na comunidade e isto reforça da necessidade de contribuirmos para a difusão do conhecimento de sujeitos quilombolas que, segundo Rufino (2019), foram também forçadamente silenciados como construtores de possibilidades curriculares diferenciadas que valorizem as suas cosmovisões, seus modos de vida, seus saberes, bem como o reconhecimento dos seus territórios.

Esse estudo constata a importância da biodiversidade e conservação da flora de Massaranduba para a manutenção da saúde coletiva da população quilombola, ou seja, para a preservação da cultura desse povo. As práticas associadas ao uso das plantas medicinais revelam contribuições para a biodiversidade local, a exemplo da utilização majoritária das folhas como preparo dos remédios caseiros, que não ocasiona a morte do vegetal, somada às práticas de cultivos da flora medicinal que possibilitam a conservação das espécies da região.

A manutenção do conhecimento tradicional sobre a flora medicinal no quilombo de Massaranduba se dá pela transmissão oral que circula na convivência diária e compartilhamento das experiências, principalmente, dos mais velhos.

A partir de um pensamento decolonial, é importante destacar o papel social das mulheres negras nesse processo, sendo a figura feminina que historicamente se encarrega dos cuidados da saúde da comunidade e exercem fortes influências para adesão das plantas na prevenção e tratamento de enfermidades.

Referências

Barzano, M. A. L. (2016). Currículo das margens: apontamentos para ser professor de Ciências e Biologia. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 21, n.1, p. 105-124.



Barzano, M. A. L.; Melo, A. C. (2019) Saberes da biodiversidade: perspectivas decoloniais no currículo do ensino de biologia. *Revista Teias*, Rio de Janeiro v. 20, n. 59, p. 191-208.

Freire, P. (1994). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. – 21° Ed. – São Paulo: Paz e Terra.

Gomes, N. L. (2012). Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*. V.12, N.1, pp.98-109, jan/abr.

Melo, A. C. (2019). *Biodiversidade: narrativas, diálogos e entrelaçamento de saberes da comunidade/escola em um território quilombola do Semiárido Baiano*. 230f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e Histórias das Ciências) - Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana.

Oliveira, E. C. S.; Trovão, D. M. B. M. (2009). O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. *R. bras. Bioci.*, v.7, n.3, p. 245-251.

Rufino, L. (2019) *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Editora Mórula.
Santos, B.S. (2001). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8.ed. São Paulo: Cortez.

Toledo, V.; Barrera-Bassols, N. (2015). *A Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. Expressão popular.

